
Analistas Reborn: O que bebês reborn, terapia com inteligência artificial e Freud têm a ver?

*Anna Tourinho*²⁵

Desde abril deste ano, o Brasil assistiu ao ressurgimento de um fenômeno que vem gerando uma variedade de reações, movimentações no mercado e até reportagens detalhadas em programas como o Fantástico da Rede Globo. Os bebês *reborn*, que apareceram pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1990 com a ideia de repaginar bonecas comuns para que pareçam mais realistas, daí o nome *reborn* (renascido), são a nova febre nas redes sociais. Com a veiculação de vídeos onde as autointituladas “mães”, isto é, as donas das peças hiperrealistas faziam encontros simulando cuidados, chás de bebê e aniversários super elaborados, não demorou muito para os comentários a essas postagens nas redes saírem de sátiras e brincadeiras maldosas para verdadeiros diagnósticos

²⁵ Estudante de psicologia na UFBA e membro do SIPSI desde 2024.
anna.tourinho@outlook.com

psiquiátricos feitos em até 280 caracteres. Seja como for, a proposta desse texto não é, em nenhuma medida, fazer julgamento de valor sobre esse público, em sua maioria mulheres, que usualmente já sofre de linchamentos virtuais em relação aos seus passatempos e perfis de compra, tidos como fúteis por grande parte da sociedade. Reitera-se, portanto, o caráter textual de observação de um fenômeno, sem o fito de fazer quaisquer diagnósticos ou determinismos.

O fato é que, independente de quaisquer julgamentos e críticas, o aumento na procura e nas vendas dessas bonecas chama muito a atenção. Com a mídia fazendo diversas reportagens e matérias acerca da “nova” moda, o público que adquire acessórios para *reborns* (roupas, enxovais, carrinhos, etc.) também aumentou. É certo, então, que esse é um fenômeno social que pode ser explorado por áreas como a Psicanálise.

O que faria crescer o desejo por um bebê *reborn*? Esse é essencialmente um bebê com aparência humana, mas que não chora, não faz birra, não incomoda, não retruca. Feito para vestir, enfeitar, embelezar como quiser. Não se mexe na hora de posar para uma foto, não diz coisas constrangedoras, não deseja para além das expectativas do ou da tutora. Não envelhece, não

cresce e não deixa de ser “segurável” em seus braços, seja o sentido construído sobre segurança ou sobre o ato de levar consigo.

Ah, aí está. Seria esse o bebê ideal? Será que o desejo de parentalidade ficaria então apenas no campo da fantasia, sem contato com os incômodos, sacrifícios e partes desagradáveis do processo?

Bem, seja como for, o bebê ideal não vem com todas essas partes. É uma miniatura para vestir, fantasiar, enfim, viver uma relação completamente unilateral. Com essas bonecas não há parte que falta, está tudo completo. Mas como criar um vínculo real com um objeto que não é uma pessoa, um outro ser desejante, assim como nós?

Deixemos esse questionamento em suspenso por enquanto.

De maneira análoga, o crescimento pela busca de “terapias” ou aconselhamento psicológico feito por inteligências artificiais tem sido um tópico que gera alarme entre os corredores da universidade. Há dois semestres, ouvi um professor assustar toda uma turma de veteranos de psicologia ao pedir aconselhamento para uma inteligência artificial em seu

celular e vê-la reproduzir jargões comuns da área, como perguntar como ele se sentia sobre isso, fazer um acolhimento do sentimento e até sugerir algo como uma técnica de respiração. Será que isso é suficiente para abarcar toda a experiência de análise?

Muito se fala da importância da transferência, afinal, sem ela, não se institui o processo de análise. Mas pouco parece se falar dos aspectos incômodos que a relação transferencial muitas vezes traz consigo: vontade de não decepcionar a analista, de fazê-la rir de suas piadas, de entretê-la, enfim, de que esse outro tenha em nós a estima que em geral depositamos nela em primeiro lugar. Afinal, investiríamos tempo, dinheiro e energia em uma profissional em quem não há a esperança de que possa nos ajudar?

Assim, esses incômodos são eliminados em uma “análise” feita com inteligência artificial. O uso das aspas transmite que, se já seria difícil fazer psicoterapia com essa plataforma, torna-se impossível estar em análise sem um outro humano.

Em *O mal-estar na civilização*, muitas vezes traduzido como *O mal-estar na cultura*, Freud (1930/2010, p. 21) aponta

que o sofrimento advém de três principais fontes. Primeiro, da força superior da natureza, que não se pode controlar totalmente, apesar do avanço das tecnologias. Segundo, da fragilidade do corpo humano e da conseqüente certeza de que, cedo ou tarde, morreremos. E, em terceiro lugar, das dificuldades advindas dos vínculos com os outros. É a essa última fonte que as tentativas de instituir relações unilaterais, a exemplo de um bebê e um psicólogo reborn, parecem tentar remediar.

Assim, o autor argumenta que, embora viver em sociedade seja benéfico para a espécie em geral, há um confronto irremediável entre as pulsões dos indivíduos e as restrições que a civilização impõe. Então, ao retornar o pensamento sobre os bebês reborn, é possível argumentar que há uma tentativa de eliminar ou reduzir o que há ali de humano, de orgânico, de essencialmente inquietante. É quase como se o objetivo dessa busca pelo conforto buscasse a eliminação ilusória da falta.

E é aí que a inteligência artificial ganha espaço no mundo moderno uma vez que concorda com todas as proposições do indivíduo, além de elogiá-lo, agradá-lo e dar uma ilusão, uma falsa sensação de suprir a falta, sem contrapartida. Não há um outro, e por isso não há relação real.

Nesse sentido, ao fazer uma indagação a uma das plataformas de inteligência artificial com o objetivo de se consultar ou falar de seus sofrimentos, a IA logo dirá que entende a situação de seu “paciente”, fará uma análise em que esse é ou um protagonista infalível ou mesmo a vítima das circunstâncias, caindo em diversos erros que textos sobre técnica psicanalítica advertem.

Em *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico*, Freud (1912/2019, p. 99) didaticamente expõe as regras para tal:

“Assim como o analisando deve comunicar tudo que ele capta em sua auto-observação [...] ele deverá dirigir para o inconsciente emissor do doente o seu próprio inconsciente enquanto órgão receptor, deverá sintonizar-se com o analisando, assim como o receptor do telefone se sintoniza com o transmissor.”

A psicanalista ideal, ou artificial, não questiona, não incomoda, não exige pagamento compatível com os anos de estudo e aprimoramento. Não confronta, não sustenta qualquer discurso, não existe para manter o conforto. Fica clara, então, a impossibilidade de se fazer uma análise com qualquer coisa que não venha com um inconsciente instalado.

Por outro lado, há de se fazer o percurso contrário e se perguntar qual o imaginário que se tem de analistas em geral. Muitas vezes cria-se a fantasia de uma pessoa que sabe de tudo, avalia todas as opiniões “polêmicas” e julga todos ao redor a partir de um referencial infalível. Essa imagem pode ter criado um afastamento e, conseqüentemente, um receio em relação ao que é fazer análise e de estar na presença de uma analista. Além disso, há muitas interpretações errôneas sobre esse saber, e talvez por isso mesmo seja mais “compatível” com perguntar ao ChatGPT o que fazer em um dilema. Porque a analista que é analista não dará respostas prontas; no mínimo, devolverá a pergunta e sabidamente não é isso que se procura muitas vezes. Procuramos alguém que possa suprir o vazio, que dê respostas, que assuma as responsabilidades e as angústias existenciais.

Em *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes*, Fink (2007/2017, p. 23) relembra a importância de não compreender qualquer coisa imediatamente, como dito por Lacan. O autor traz que “o próprio fundamento do discurso inter-humano é o mal-entendido” (FINK, 2007, p. 23 apud LACAN, 1993, p. 184). Nesse sentido, a psicanalista *reborn*, representada pela IA, já falhou em sua primeira tarefa ao entender o seu “paciente” e

mais ainda em oferecer uma sugestão ou conselho com base em uma demanda.

Além disso, como exercer o ofício de psicanalista exige obedecer ao tripé da análise pessoal, supervisão e estudo teórico, esse é mais um aspecto da ordem do impossível ao ser “analisado” pelo ChatGPT. Em *A questão da análise leiga*, Freud (1926/2022, p. 116) discute quem pode ou não exercer a psicanálise e enfatiza a importância do conhecimento teórico e da experiência prática, dizendo que “ninguém deveria se considerar apto a praticar a análise sem ter passado, ele mesmo, por uma análise.”

Enfim, a psicanalista ideal não existe, assim como o bebê ideal não existe. *Os reborns* parecem fazer parte de uma fantasia maior, em que somos senhores em nossa própria casa, controlamos o outro e não entramos em contato com embaraços. Também não se desenvolve uma análise realmente transformadora sem a construção de uma relação transferencial: não há pagamento, não há desconforto ao olhar do outro, não há confronto real com as manifestações do inconsciente. Mas também não há elaboração, sublimação ou catarse. Quanto mais ideal, menos real.

As tecnologias e inteligências artificiais podem fazer muitas coisas, mas construir uma relação transferencial e produzir uma escuta equiflutuante não é uma delas. Infelizmente, ou felizmente, teremos de suportar o olho a olho ou pior, a ausência disso no divã, se for para produzir qualquer nova mudança de posição.

E sim, embora seja muitas vezes cansativo e desconfortável, criar vínculos é necessário para a vivência humana e, em princípio, é justamente o que garantiu a sobrevivência de nossa espécie ao longo dos milhares de anos. Não há análise sem transferência. E não há transferência com objetos ou tecnologias, por mais “*reborn*” e aparentemente realistas que elas sejam. O embaraço ao tentar criar conexões com outros seres humanos é um brinde, um lembrete de que, não importa o quanto avancemos em direção a outros planetas ou ao fundo do mar, ainda parece que a viagem mais profunda que podemos fazer é em direção ao inconsciente.

REFERÊNCIAS

FINK, Bruce. **Fundamentos da técnica psicanalítica: uma abordagem lacaniana para praticantes** (2007). São Paulo: Blucher, 2017.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** (1930). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas: volume 18*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise** (1912). In: FREUD, Sigmund. *Técnica da psicanálise I*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, Sigmund. **A questão da análise leiga** (1926). In: FREUD, Sigmund. *Técnica da psicanálise II*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

AGRADECIMENTOS

Esse texto não seria possível sem os *insights* promovidos pela minha psicanalista favorita e a quem tenho o privilégio de chamar de avó, Lucivone da Costa Silva Neves. Amo você, vó.

E agradeço também à minha inestimável amiga Beatriz Victória Brandão dos Santos, que revisou esse texto e me encorajou quando eu quis desistir de enviá-lo.